

Mulheres Negras e a (Auto) Representação no cinema: a disputa por outro imaginário como estratégia política de transformação sócio-comportamental¹

Mayra Barroso Faria²
Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

Esse texto descreve o projeto de pesquisa em andamento sobre a transformação da imagem das mulheres negras pela mídia fílmica de diretoras negras na contemporaneidade. Tendo em vista a relevância da representatividade na tela e a invisibilidade de profissionais negras em cargos de decisão, propõe-se pensar tais produções fílmicas como estratégia política de transformação sócio-comportamental. Através de entrevistas a diretoras negras formadas pela UFF, e da análise fílmica. Tendo como fundamentação teórica, escritoras como Audre Lorde, Bell Hooks, Spivak, etc. Visto que está em processo, esse artigo mostrará uma breve explanação da pesquisa

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; Representação; Gênero; Raça; Decolonialidade.

Introdução

Essa pesquisa pretende abordar a transformação das imagens / representação das mulheres negras pela mídia fílmica na contemporaneidade promovida por diretoras negras. Através da metodologia mista - qualitativa e quantitativa, onde serão realizadas entrevistas com cerca de sete a dez mulheres negras formadas pelo curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense/UFF (Niterói/RJ), e a análise das personagens femininas negras em seus respectivos filmes e, além da prática de pesquisa de campo .

Para introduzir essa investigação, apresento a pesquisa da ANCINE do ano de 2018, onde o recorte de Gênero e Raça nas produções de longas-metragens exibidos no cinema, em 2016, aponta o baixo índice de pessoas negras na direção. Além disso, como fator agravante, o estudo em questão revela a ausência da participação de mulheres negras na direção. A pesquisa do GEMAA - Grupo Multidisciplinares de Ações Afirmativas - levantou o dado que revela que, em 2022, nenhuma mulher dirigiu

¹ ¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante do Curso da Pós-graduação (Stricto sensu), 1 semestre - PPCULT/UFF.
maystranda@gmail.com

um filme de grande público, o que constata a oscilação de mulheres brancas na direção e confirma a ausência constante de diretoras negras em filmes de grande público. Diferente do que acontece com os homens negros na direção que:

(...) conseguiram alguma notoriedade. Dentre os dez filmes de grande público lançados no período (2022), dois foram dirigidos por homens negros, “Medida Provisória”, de Lázaro Ramos, e “Marte Um”, de Gabriel Martins. A última produção é oriunda de um edital afirmativo, ou seja, de uma política pública de fomento que foi direcionada a financiar longas-metragens de realizadores(as) negros(as). (CANDIDO; CAMPOS, 2024)³

Embora essa realidade sugira uma estagnação, a sociedade tem passado por mudanças estruturais, seja através das universidades, produzindo uma geração de profissionais, agentes pensantes de seu campo de conhecimento⁴, seja através das políticas públicas de fomento ao setor audiovisual a fim de provocar a movimentação no mercado, é fundamental promover o debate acerca do tema, por se tratar de um fenômeno de relevância histórica e social, desses últimos 20 anos.

Contudo, a importância de entender como objeto de pesquisa, a produção imagética fílmica de diretoras negras que estudaram no curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense, pois há de se pensar o significado da escolha restrita do curso de cinema de uma universidade pública: em se tratando de ser um curso de referência, tão concorrido quanto excludente, por conta de sua carga horária, que impossibilita quem precisa trabalhar durante o dia, o seu mercado de trabalho não é dos mais estáveis, e sem falar no seu histórico de diretores herdeiros do cinema para enfim se pensar na atuação de tais diretoras enquanto alunas, na concepção de seus filmes. Com intuito de investigar as imagens construídas, desde a elaboração de sua estética e conteúdo, das personagens femininas negras e, por conseguinte, através de

³ CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Cinema Brasileiro: raça e gênero nos filmes de grande público (1995-2022) GEMAA, 2024. Disponível em: [Cinema: Nenhuma mulher dirigiu filmes de grande público em 2022 | gemaa \(uerj.br\)](#). Acesso em: 02/09/2024.

⁴ FREITAS, Jefferson; NASCIMENTO, Viviane; JUNIOR, João. GEMAA, 2024. Disponível em: [Levantamento das Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Públicas brasileiras \(2022\) | gemaa \(uerj.br\)](#). Acesso em: 02/09/24.

entrevistas/ conversas, identificar o processo de descolonização das imagens antes, estigmatizadas e impostas hegemonicamente que, entretanto, também constituíram em sua formação. Portanto, será primordial nessa pesquisa, a prática de campo no curso de cinema, a fim de investigar o ambiente do curso, os atores sociais e suas demandas, como convergem ou divergem.

Tendo como fundamentação teórica, as escritoras como Audre Lorde a pensar o poder da autodefinição das pessoas negras, Spivak a pensar Pode o subalterno falar? e Bell Hooks em Olhares negros: raça e representação com suas críticas à representatividade da população negra. Tais autoras para introduzir a condução dessa pesquisa e abrir esse leque investigativo.

Baseado no conceito proveniente da filosofia africana Sankofa que, então, expressa a ideia de retorno ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro, pode-se nortear o enredo da pesquisa. Tal filosofia africana origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Por meio desse conceito africano adotado por Abdias Nascimento, no livro O quilombismo e tantas obras suas, pode-se pensar no objeto de estudo - o repertório imagético descolonizado das mulheres negras como símbolo de um futuro novo construído a partir do resgate de memórias do passado, questões intrínsecas reparadas e ressignificadas no presente.

E como ponto-de-partida, as questões fundamentais para conduzir a pesquisa: Qual personagem foi o fio condutor da reconstrução do olhar? A qual filme se refere? Em quais aspectos significativos, pode-se afirmar que essa imagem é descolonizada? A partir das mesmas, investigar profundamente e elucidar sobre elementos da composição da personagem e do seu processo de criação a evidenciar o poder da autoria, da autodefinição, por conseguinte, o poder de decisão, de pensamento e de criação.

Diante do exposto, a intenção é vislumbrar um futuro diferente, levantar a reflexão sobre um passado de imagens estigmatizadas, sublinhar o presente, e, principalmente, demonstrar, através das vozes, que ecoam, insubmissas: Como queremos exhibir nossos corpos na tela do cinema? Como queremos ser vistas pela sociedade?

As mudanças sócio-econômicas correntes no Brasil como a implementação de políticas públicas afirmativas étnico-racial, o fortalecimento econômico e

internacionalização do país, entre 2003-2011, a globalização e os efeitos da ampliação da comunicação global via internet, iniciou uma jornada de aprofundamento do conhecimento das questões étnico-racial em larga escala, para além do movimento negro: desse modo, inicia-se o processo de uma disputa de narrativa em vários nichos de mercado;

A relevância da pesquisa está em apontar a importância de tais mudanças na constituição educacional da população negra, já deflagradas em pesquisa do GEMAA, e incorrem no pleito pela criação de outro imaginário, um novo repertório, como estratégia política de reexistência no sentido de gerar uma transformação econômico-sócio-comportamental. À medida que surgem os resultados das políticas afirmativas com a inclusão da população negra nas universidades, surgem novos sujeitos a disputar a criação da narrativa e da imagem.

É de extrema importância refletir sobre a reformulação de imagens filmicas de mulheres negras por diretoras negras, formadas em universidade pública sendo agentes da transformação - pois, ao reconstruir, ou melhor, criar, produzir novos signos - outros referenciais da estética feminina negra - um outro espaço para a mulher negra se estabelece no imaginário da sociedade. À medida em que narram e recriam suas próprias histórias, tais diretoras refletem seus mundos e sonhos, consequentemente, isso afeta as gerações em seus comportamentos e desenvolvimento de suas potencialidades. Contudo, trata-se de evidenciar a importância do poder das vozes dessas mulheres para a comunidade, ou melhor, para o desenvolvimento da sociedade de modo geral. Além disso, há de trazer luz à importância do cinema como meio / instrumento reparador e transformador; 1) reparador, no sentido em que devolver dignidade aos que foram condicionados a imagens subalternizadas e limitantes; 2) transformador, no sentido em que atinge as novas gerações com um repertório novo e abrangente evidenciando as possibilidades de existência (ser/agir).

Entretanto, nota-se que a relevância de tal reparação e transformação promovidas por ações de mulheres negras - que são parte de uma geração maculada pelo pensamento hegemônico eurocêntrico. Contudo, é fundamental para essa pesquisa a reparação histórica com inserção de narrativas e presenças contra hegemônicas no audiovisual brasileiro.

Para mulheres negras, assim como para os homens negros, é evidente que, se nós não nos definirmos, seremos definidos pelos outros - para o proveito deles e prejuízo nosso. O avanço de mulheres negras que se definem sob suas próprias condições prontas para explorar e buscar o nosso poder e os nossos interesses dentro da nossas comunidades, é um componente vital na guerra pela libertação dos negros. (LORDE, Audre.2019. pg.58)

Acima de tudo, é sobre a validação do grupo mais prejudicado socialmente, na base da pirâmide social brasileira, sendo afetado na interseccionalidade de gênero, sexo e raça no ato de retomar e/ou adquirir o poder do olhar sobre seus corpos. Diante disso, a relevância do tema consiste em desenvolver uma pesquisa que promova o pensamento crítico e decolonial em torno da disputa de poder sobre a narrativa: a autodefinição e o poder sobre a própria corporeidade.

Considerando o início do primeiro ano, compreende-se que será providencial diminuir a quantidade filmes a serem analisados por conta do tempo e dos aspectos minuciosos a serem investigados e também reduzir o número de diretoras a serem entrevistadas. Assim, trabalhar com uma média de 5 a 7 diretoras para posteriormente correlacionar as ideias e efetuar comparações. Por conseguinte, mudar o método qualitativo, ao invés de fazer entrevistas, desenvolver a opção conversa, com intuito de criar um elo de confiança tanto com as diretoras quanto com os alunos do curso de cinema na prática de campo. Por se tratar de um projeto de pesquisa ainda em andamento inicial, não há resultados a apresentar e sim uma breve explanação sobre o assunto e algumas possíveis modificações.

REFERÊNCIAS

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaio e conferências*. 1 ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2019.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação* / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Cinema Brasileiro: raça e gênero nos filmes de grande público (1995-2022) GEMAA, 2024. Disponível em: [Cinema: Nenhuma mulher dirigiu filmes de grande público em 2022 | gemaa \(uerj.br\)](#). Acesso em:02/09/2024.

FREITAS, Jefferson; NASCIMENTO, Viviane; JUNIOR, João. GEMAA, 2024. Disponível em: [Levantamento das Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Públicas brasileiras \(2022\) | gemaa \(uerj.br\)](#). Acesso em:02/09/24